

O FENÓMENO ESTENOPEICO (A CAMARA OBSCURA)

EXPOSIÇÃO PINHOLING (WHILE IN MOV)

Inaugurada a 19 de Maio 2012



Tem a mesma idade da Civilização Ocidental: cerca de 2400 anos. Porque é contemporâneo do «milagre grego». É desses idos prodigiosos o mais remoto registo escrito do efeito óptico conhecido como estenopeico (do étimo grego: “originado por pequeno orifício”).

É já do conhecimento dos gregos da antiguidade clássica, nomeadamente de Sócrates. Citado, de modo metafórico, pelo seu discípulo Platão, no texto do Livro VII da sua obra A REPÚBLICA, (séc. IV a.C., entre 380 e 370 a.C.), para servir de ilustração à sua retórica especulativa idealista: a *Alegoria da Caverna*. Naquele livro o filósofo expõe, na “Ideia do Bem” e no “Governo dos Filósofos”, a dialéctica que confronta luz, sol e claridade, com trevas, escuridão e caverna. A narrativa regista o fenómeno da reprodução invertida de todo e qualquer objecto, ser ou coisa, iluminado pela plena luz exterior, no interior de uma caverna, projectado na parede fronteira à abertura de onde surge a luz. A descrição não é aí usada de modo objectivo como registo do conhecimento, mas antes como sugestão alegórica para aludir a superação do estado de alienação mental, ignorante e obscurantista, pela busca esforçada da clarividência racional. Já a observação crítica do seu discípulo Aristóteles sobre o mesmo fenómeno óptico, na sua obra PROBLEMAS, (c. 320 a.C.), resulta num dado acrescentado do estudo científico, pelo seu rigor descritivo, objectivo, lógico-dedutivo. O filósofo relata o fenómeno que experienciou, de modo accidental, quando, sentado à sombra de uma árvore, durante um eclipse parcial do sol, viu projectar-se a luz (também parcial) do sol no chão, na forma de meia-lua, invertida, deduzindo ser o efeito resultante da passagem dos raios daquele astro-rei por um pequeno orifício da copa cerrada de folhas da árvore. A dedução avançada pelo filósofo peripatético sobre este fenómeno óptico foi preservada no médio-oriente pelos árabes. E foi o erudito Al-Hazem que descreveu, a primeira vez com pormenor, a *câmara escura*, instrumento elementar para reproduzir o fenómeno. Nos primórdios do século XI. Já no *quattrocento* italiano, se faziam experiências com caixas rudimentares conformando *câmaras escuras*, artefactos úteis no auxílio de reproduções miméticas, para esboços de desenho e pintura. Leonardo Da Vinci fez delas uma descrição minuciosa num dos seus cadernos de notas, o famoso CODEX ATLANTICUS (1478/1518). (Mas o conhecimento generalizado destes dados e a sua primeira publicação apenas aconteceu em 1797). Em 1558 o mestre renascentista Giovanni Baptista Della Porta fez uma muito detalhada descrição da *Câmara Escura* no seu tratado enciclopédico MAGIA NATURALIS SIVE DE MIRACULIS RERUM NATURALIUM. As experiências da projecção das imagens pela luz foram sendo repetidas, aperfeiçoadas por inúmeros cientistas-artistas e artistas-cientistas e tornadas cada vez mais complexas e sofisticadas, até aos novos tempos (leia-se o Século XIX,

EXPOSIÇÃO PINHOLING (WHILE IN MOV)

Inaugurada a 19 de Maio 2012



que é quando nasce a fotografia). Com o paralelo desejo de também a preservar em suporte de reprodução com relativa resistência. Assim associando à observação natural da física o conhecimento laboratorial da química. São de entre 1822 e 1826 ou 27 as primeiras experiências *photographicas* (do étimo grego: *photo*, “luz” + *graphia*, “desenho”) um registo com «a mesa posta» e outro com «ponto de vista da janela de Gras», ambas de Joseph Nicéphore Niépce, pioneiro da fotografia. Esse “desenhar com luz”, técnica mecânica de reprodução de imagens do mundo real por meio da sua exposição luminosa durante certo tempo em uma superfície foto-sensível, tornou-se, de pleno direito, numa das últimas artes do contingente que se acrescentou às cinco clássicas, do panteão superlativo das Belas-Artes. Por obra, indústria, engenho e arte de muitos autores, (num processo de acumulação de muitos contributos e avanços técnicos, de muitas experiências - tentativas, falhas, tentativas, sucessos ..., ao longo de dois séculos). Esta arte, a mais tautológica de todas, simulacro fidedigno, exacto registo mimético, captação do instante e sua (relativa) perenidade iconográfica, o momento instantâneo fixado “em sais de prata” para a eternidade (possível), a posteridade relativa, transformou-se no maior e mais sugestivo reportório dos momentos amenos e tumultuosos da vida e na colectânea dos mais “visíveis” subsídios para uma “história do olhar”, assim contribuindo decididamente para a outra história, a história com H grande, o grande registo diacrónico da Condição Humana da Existência. No ano do centenário da República Portuguesa cite-se o que um pioneiro fotógrafo português, vidente daqueles fastos políticos, grafava no seu cartão de apresentação: «Joshua Benoliel, Photógrapho beduíno. Tanto tira a Dom Manuel como tira a Bernardino». Democratização do retrato, outrora um bem restrito, mas também uma espécie de “roubo da alma”, como alegavam os ameríndios ou os indígenas africanos, uma destruição da “aura” (como o diria o filósofo Walter Benjamin), a fotografia transforma, na sua transfiguração mimética, o sujeito em objecto e até, no extremo, em objecto de *gabinete de curiosidades*, espécime de museu. Uma recordação que é presentificação. O passado tornado presente. O tempo e o espaço fundidos numa espécie de sortilégio mítico para a memória visual, o supremo ícone, que não tem velhice nem decadência.

Artefacto gerador do fenómeno estenopeico, a *câmara escura*, reduzida à sua mais elementar tipologia é a *pinhole*, que é o tema central desta exposição, acrescentada com os respectivos resultados fotográficos.

Abril de 2012. LC